



# **Perfil dos novos padres à luz do Papa Francisco: uma análise teológica do cenário ministerial a partir do exótico**

*New fathers' profile in the light of Pope Francis: a theological analysis on the ministerial scenario from exotic*

ANDRÉ LUIZ BOCCATO ALMEIDA <sup>a</sup>

RONIVALDER BIANCÃO<sup>b</sup>

KAROLAYNE MARIA VIEIRA CAMARGO DE MORAES<sup>c</sup>

## **Resumo**

O presente artigo propõe-se a analisar o perfil dos novos padres à luz do ensinamento do Papa Francisco. Para isso, se servirá de uma constatação a respeito de alguns cenários de Igreja existentes no Brasil a partir da prática exótica dentro do ministério ordenado. Deste modo, a reflexão, inicialmente, partirá de uma análise indutiva onde se compreenderá o contexto segundo o qual moldam-se os perfis dos novos padres. Posteriormente, serão retomadas as fontes bíblico-teológicas que iluminam o verdadeiro sentido do ministério ordenado, para salientar o real significado do serviço. Enfim, será proposto, a partir do pontificado de Francisco, evidenciar a centralidade desta vocação no perfil de um novo padre, com “cheiro de ovelha”, expressão cunhada pelo próprio pontífice. Esta reflexão, de cunho propositivo, visa denunciar e problematizar uma prática ministerial que, em

---

<sup>a</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. Doutor em Teologia Moral, e-mail: a.l.boccat@gmail.com

<sup>b</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. Mestrando em Teologia, e-mail: ronivalder@hotmail.com

<sup>c</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. Mestranda em Teologia, e-mail: karolaynecamargo18@gmail.com

tempos de crise de identidade, exposição midiática e projeção narcisista, se distancia da práxis do cuidado, escuta e acompanhamento real dos cristãos na comunidade.

**Palavras-chave:** Perfil. cenários eclesiais. servo e pastor. Papa Francisco. Cheiro de ovelha.

## *Abstract*

*This article aims to analyze the new priests' profile in light of Pope Francis' teaching. To that end, this paper draws on a finding on some Church scenarios in Brazil from the exotic practice within ordained ministry. Thus, the reflection, will begin with an inductive analysis that may be possible to comprehend the context in which the new priests' profiles take shape. Later, the biblical-theological sources which illuminate the true meaning of the ordained ministry will be taken up, in order to emphasize the real meaning of service. Finally, in the light of Francis' pontificate, this article, in addition, will propose highlighting the centrality of this vocation in the specific profile of a new priest, with the "smell of sheep", expression created by own pontiff. This propositive reflection aims to denounce and problematize a ministerial practice that, in times of identity crisis, media exposure and personalist projection, distances itself from the praxis of care, listening and true accompaniment of Christian people in their communities.*

**Keywords:** Profile. Ecclesial scenarios. Servant and shepherd. Pope Francis. Smell of sheep.

## **Introdução**

Tratar sobre o tema do perfil envolve sempre uma complexidade diante das inúmeras possibilidades de interpretação sobre o objeto a ser analisado. Neste caso, pretende-se refletir acerca do perfil dos novos padres no Brasil à luz do magistério do Papa Francisco. Salienta-se que com o atual pontífice, retoma-se uma antiga tradição bíblico-pastoral que remete à figura do Bom Pastor o cuidado e solicitude real com as pessoas imersas em suas comunidades. Esse perfil retomado por Francisco, de certo modo, contrasta com perfis sacerdotais emergentes no atual contexto eclesial. Esta proposta reflexiva objetiva salientar a centralidade que Francisco dá a esse perfil em detrimento de manifestações de outros perfis exóticos que emergem no atual contexto eclesiástico.

Para isso, o artigo se propõe a percorrer um itinerário reflexivo em três direções. Num primeiro momento, serão apresentados alguns cenários de

Igreja que conduziram ao aparecimento de um fenômeno disseminado que é o de “padres novos”. Estes, fundem elementos exóticos rígidos da fase pré Concílio Vaticano II, com uma identidade ou perfil midiático pós-moderno onde o exibicionismo narcisista se confunde com um modelo eclesial clerical, distante da orientação do pastor com “cheiro de ovelhas”. Posteriormente, será aprofundado o tema bíblico-teológico no que tange ao sentido do ministério do presbítero na Igreja. Pretende-se recorrer às imagens vetero e neotestamentárias do Bom Pastor, para dela compreender como a tradição teológica, passando pelo Vaticano II até Francisco, reassume para propor um perfil de padre servidor e próximo às pessoas. Enfim, num terceiro momento, à luz do pontificado de Francisco, se delineará o perfil de padre que ele recupera, próprio da referência latino-americana: padre com “cheiro de ovelha”.

Em linhas gerais, o artigo problematizará e lançará luzes sobre as sombras do perfil complexo que se delineia hoje no ministério ordenado eclesial brasileiro. No contexto midiático celebrativo pode-se captar nuances exóticas de um certo distanciamento do perfil que a Igreja espera do ministério ordenado. Deste modo, denuncia-se uma certa patologia presente nos disfarces exóticos vigentes e anuncia-se o sentido último de um perfil retratado por Francisco de padre próximo às pessoas.

## **1. A manifestação de um perfil de padre e os cenários eclesiais**

O atual contexto de mundo é marcado por contradições, paradoxos e ambiguidades. A cultura contemporânea impõe-se sobre as consciências dos sujeitos, ora condicionando suas escolhas, ora determinando as múltiplas possibilidades de discernimento que são continuamente chamados a realizar. Diante desta complexa realidade que vem se impondo, surge também cenários de Igreja onde aparecem visões e perfis de ministerialidade.

Tratar sobre o perfil dos novos padres remete ao tema da formação e este ao sentido da pessoa humana, partindo principalmente da sua dimensão de realidade, fragilidade e vulnerabilidade. Avista-se hoje, no processo formativo, subjetividades e perfis, centrados em um *modus vivendi*

egocêntrico e autorreferencial. Estes tipos de perfis fazem parte de um processo muito sutil e abrangente, próprio do contexto de uma sociedade em que o individualismo e a idolatria do “eu”, da própria imagem construída narcisicamente, estão relacionados ao processo de amadurecimento afetivo-sexual (ALMEIDA, 2020, p. 264).

Por “perfil”, entende-se toda personalidade psicológica, fruto da vivência pessoal, e, se caracteriza por uma dimensão de unicidade e irrepetibilidade de cada pessoa, constituindo a estrutura onde o sujeito se constrói e organiza o mundo ao seu redor (SOVERNIGO, 2010, p. 89). Toda pessoa encontra dentro de sua subjetividade um desejo de se constituir e impor-se no contexto em que vive.

Deste modo, a vida humana é uma constante afirmação do “perfil” psicológico, isto é, do ser pessoal e a forma como cada um constrói sua existência dentro sempre de um contexto pleno de interações complexas. Eis porque a vida humana é inseparável de sua interpretação. A autoconsciência da existência humana faz do viver não somente uma “ação”, mas também uma “interpretação”. Uma das características da interpretação que a vida dá a si mesma é a pluridimensionalidade dentro da unidade fundamental (VIDAL, 2008, p. 9).

Todo perfil é proveniente tanto da condição de sujeito de cada um como dos condicionamentos e influências do mundo ao redor. A atual cultura é caracterizada como uma sociedade expositiva onde cada indivíduo é seu próprio objeto-propaganda; este modelo de cultura caracteriza-se como pornográfica, justamente porque tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo e exposto. Esse excesso de exposição transforma tudo em mercadoria que está à mercê da corrosão imediata, sem qualquer mistério (HAN, 2017, pp. 31-32). Não há perfil contemporâneo que escape a essa marca dos tempos atuais.

Além dessa constatação, o atual contexto pós-moderno com seus valores positivos de redescoberta criativa que o sujeito faz da própria subjetividade, traz consigo elementos que desafiam a formação de um perfil que possibilita assumir as exigentes tarefas de um ministério ordenado. Três elementos dão consistência à cultura pós-moderna. Primeiro, o império da técnica. Este reverbera o triunfo da razão em sua autonomia, sem referência a

valores éticos. A técnica sem o devido controle do ser humano passa a influenciar novas formas de comportamentos e engendra novos perfis dependentes das respostas rápidas. Segundo, a cultura única. Em consequência do triunfo da técnica impõe-se rapidamente uma forma de vida em que se afirmam os mais fortes, isto é, os que têm acesso aos bens a serem consumidos. Os demais são não só excluídos como padecem pelo não acesso à esta cultura única. Enfim, o terceiro elemento é propriamente a cultura da massificação. Esta é a própria perda da identidade cultural particular submetida à ordem dominante que impõe sua própria perspectiva (OLIVEIRA, 2004, p. 21-23).

Deste modo, se o perfil é fruto de uma complexa soma de fatores internos ao sujeito, mas também de condicionamentos sócio-históricos que podem ultrapassar a própria capacidade de autopercepção, pode-se dizer que toda personalidade possui uma constante e insuperável condição de amadurecimento que se dá nessa ampla possibilidade humana de transformação do próprio perfil (GUARINELLI, 2013, p. 8).

Todo cenário eclesial assume sempre “perfis” de sujeitos em processos de subjetivação. O aparecimento de novos perfis de padres coloca-se dentro da grande mudança de época em que todas as instituições se apresentam instáveis e com sinais de estruturas ultrapassadas ou enfraquecidas. A Igreja, neste cenário mais abrangente, vive esse dilema com suas crises e interpelações. Diante da ausência de respostas a essas incógnitas perspectivas, as pessoas mergulharam em si mesmas, procurando respostas, pois não acreditam tanto nas respostas externas.

A emergência desses perfis dentro desse contexto e dos cenários eclesiais favorece uma cultura individualista-hedonista-midiática que investe na fama personalizada, no valor exclusivo e nas relações fugazes. Para Libanio, é possível falar em quatro perfis de padres, correspondentes a quatro cenários de Igreja no atual contexto brasileiro: cenário de uma Igreja da instituição; cenário de uma Igreja carismática; cenário de uma Igreja da pregação e, cenário de uma Igreja da práxis libertadora (LIBANIO, 2001).

Esta perspectiva é uma chave de leitura que propicia perceber como o modelo correspondente de padre estrutura-se a partir de um perfil no atual contexto pós-moderno. Ao longo da história o sentido do ministério ordenado

na Igreja passou por contínuos condicionamentos próprios de cada momento sócio-histórico (BECKER, 1976). Em cada um, avista-se um perfil de ministério ordenado que exprime as necessidades de cada época. O debate atual sobre os ministérios é particularmente sentido onde é muito forte a escassez de padres e muito ativa a presença de assistentes pastorais e colaboradores eclesiais leigos (CATTANEO, 2008, p. 15).

Com a carência de vocações ao ministério presbiteral o papel dos leigos poderia ser mais valorizado. Contudo, há sempre o risco de que um novo perfil de padre — o tão conhecido clericalismo — ocupar o vazio deixado para um sadio protagonismo laical. Graças ao Concílio Vaticano II a terminologia “sacerdócio” foi situada no contexto mais amplo da tripla dimensão ministerial na Igreja: profética (anúncio da palavra, ensino), sacerdotal (culto) e pastoral (direção da comunidade). É desta tríplice dimensão do ministério que são chamados todos os cristãos segundo o carisma, onde também o sacerdócio ministerial está à serviço (TABORDA, 2011, p. 131).

O novo perfil de padre dos dias de hoje encontra na referência usada pelo Papa Francisco “pastores cheiro de ovelhas” uma importante imagem a ser resgatada para o ministério ordenado. Deste modo, torna-se fundamental resgatar o sentido bíblico e teológico do sentido ministério ordenado na comunidade eclesial.

## **2. Sentido bíblico-teológico do ministério ordenado do presbítero**

Tendo sido apresentada a conjuntura da sociedade atual a qual condiciona o perfil da pessoa humana na sua busca de identidade, e que também tem sua particular incidência nos cenários eclesiais e nos *modus vivendi* dos padres do Brasil, faz-se necessário agora uma retomada dos fundamentos bíblico-teológicos e de alguns aspectos históricos e culturais que condicionaram o aprofundamento teológico da comunidade de fé com respeito ao ministério ordenado.

Diversos são os termos empregados para designar aqueles cuja vocação e missão tem como ação prática “ocupar-se das coisas sagradas”. Observando o específico da tradição veterotestamentária, o termo “sacerdote” (*kohen*) é

o que está presente no ambiente patriarcal e no vocabulário religioso tanto de Israel, quanto dos demais povos da antiguidade. Nessas tradições, o sacerdote é uma figura que tem um caráter “sacral”, que se ocupa do culto e suas formas sacrificiais, e está submetido a rigorosas observâncias. Também goza de uma posição junto a uma casta, dotada de privilégios e de uma autoridade que se comunica e tem sua influência na esfera profana, embora as suas funções específicas sejam exercidas em ambiente separado, adequado ao serviço do culto (BLANK, 1993, p. 610-611).

A despeito de qualquer formalismo institucional que se foi construindo depois da situação pós-exílica de Israel (500 a.C. em diante)<sup>1</sup>, e da cosmologia própria da antiguidade, vale lembrar que na Antiga Lei a figura do sacerdote detinha uma função considerável de serviço ao povo de Deus. Não havendo, necessariamente, um tipo de “ordenação” que lhes imprimisse um caráter sagrado (apenas um tipo de “investidura”), o sacerdote era um varão escolhido entre os seus (família ou tribo) para se encarregar do santuário e de tudo o que estava na esfera do sagrado. Como uma espécie de “guardião”, acolhia os visitantes e recebia as suas ofertas, mas também durante muito tempo foi encarregado dos oráculos (uma espécie de consulta feita a Javé), do ensinamento da Torá (antes do Exílio) e do oferecimento dos dons e sacrifícios. Estas funções foram, pouco a pouco, conferindo aos sacerdotes o status de mediador, dado o singular papel intermediário que exerciam entre Deus e os homens (VAUX, 2003, p. 384-387).

Na Nova Lei, bem antes da destruição do segundo Templo (ano 70 d. C.), os primeiros cristãos já acenavam para uma ruptura com a estrutura de “religião do Templo” do judaísmo daquele período<sup>2</sup>. O que marcou o fim da

---

<sup>1</sup> Com a reforma do culto encabeçada pelo rei Josias é que a sua centralização no templo vai render duras críticas por parte dos profetas, que denunciavam uma prática sacrificial que se distanciava de forma escandalosa da prática da justiça, da solidariedade e da devida precedência da obediência às Leis de Deus (BLANK; SNELA, 1993, p. 611).

<sup>2</sup> É digno de nota os estudos de A. Vanhoye sobre a temática do sacerdócio no AT e NT. Segundo o especialista, um dos impasses para as primeiras comunidades cristãs com respeito ao sacerdócio foi a estreita ligação que havia no judaísmo entre autoridade religiosa e poder político, os quais foram vetores da condenação de Jesus. Essa questão espinhosa

necessidade do serviço sacerdotal (com um mediador humano) foi o entendimento das primeiras comunidades sobre a morte de Jesus Cristo como sendo um ato expiatório vicário, caracterizado por sua entrega na Cruz por toda humanidade, que, segundo especialistas, precede as importantes passagens paulinas de 1 Cor 15,3-5, Gl 1,4 e Rm 3,25;4,25 a este respeito (BLANK, 1993, p. 612).

Embora conste no NT, o termo “sacerdote” (também “sumo sacerdote”), relacionado ao Mestre de Nazaré, aparece basicamente na carta aos Hebreus para argumentar em favor da superioridade do sacrifício de Jesus Cristo em comparação com os sacrifícios da Antiga Lei (como se lê, por exemplo, em Hb 7,26-28; 8,6-7.13; 10,11-15), visto que o Filho de Deus é o único e verdadeiro sumo sacerdote. Segundo Vanhoye, a novidade em Hebreus 5,5 é que a glória do sumo-sacerdócio de Cristo vai na direção oposta à ascensão do poder: o Cristo expressa sua santidade rebaixando-se a todos os homens, assumindo, assim, o sofrimento e a morte em solidariedade e compaixão aos seus irmãos (VANHOYE, 2007, p. 117.123-129.181-190).

A fim de se buscar uma prática religiosa que mantivesse uma coerência dessa leitura soteriológica, o sentido de “sacrifício” e de “sacerdócio” exigiam mudanças conceituais. Nesse sentido, é possível encontrar em 1Pd 2,5.9 e em Ap 1,6; 5,10; 20,6 uma menção a “sacerdócio santo”, comum a todos os fiéis que estão ligados a Cristo pelo Batismo, de modo a se caracterizarem como “povo sacerdotal”. Todavia, isso não significou excluir formas de liderança na condução desse povo<sup>3</sup>. Além dos apóstolos, que já aparecem em destaque nos Evangelhos, a Igreja das origens dispunha de ministérios a serviço das comunidades. São as cartas pastorais que apresentam dois deles de modo mais consistente: 1Tm 3,2 e Tt 1,7 designam o ministério dos episcopos

---

foi motivadora de um posterior resgate positivo da função sacerdotal e sua releitura a partir do sacrifício de Jesus (VANHOYE, 2007, p. 84-85.101-109.482-484).

<sup>3</sup> A partir dos estudos de J. H Elliott, Vanhoye explica quem em 1 Pd não se considera os crentes como indivíduos justapostos uns aos outros enquanto sacerdotes por conta própria. Para ter parte no sacerdócio cristão é necessário, enquanto um organismo comum, ter parte também na “construção do edifício espiritual” (1 Pd 2,5). Pedro atesta ao final de sua carta que existe uma estrutura no organismo sacerdotal no qual a figura do presbítero exerce função de responsabilidade (VANHOYE, 2007, p. 411-423).



(“supervisores”), e 1Tm 5,1-2.17-19 e Tt 1,5, o ministério dos presbíteros (“anciãos”)<sup>4</sup>, ambos ligados às funções do ensino da doutrina e do governo, ainda sem uma menção ao culto cristão da celebração eucarística (BLANK, 1993, p. 612-613).

Mas como explicar a constituição de uma hierarquia eclesial, institucionalizada, e que parece resgatar a mesma condição mediadora dos sacerdotes do AT? Segundo Snela, houve nos primeiros séculos um processo histórico delicado que culminou na supressão dos ministérios carismáticos na comunidade cristã. Ainda que na *Didaqué* as funções de bispos e diáconos sejam mencionadas, não se tratava ainda de instâncias graduadas, pois a comunidade era considerada a mais alta instância. Esta celebrava o “sacrifício” (já resignificado) na forma de oração de agradecimento (*eucharistía*), contando para isso com uma diversidade de ministérios (SNELA, 1993, p. 618-619).

Anos mais tarde, na era dos Padres Apostólicos, Inácio de Antioquia se destacou na ratificação e defesa de uma tríade de ministérios (diáconos, padres e bispos), como reação a levantes exacerbados da dimensão carismática que surgiam no séc. II contra a dimensão ministerial. Com a virada constantiniana, pouco a pouco os ministérios oficiais passaram a ocupar o grau de *ordines*, e os agora denominados “ministros ordenados” foram ganhando um estatuto teológico-jurídico que lhes confirmaram graus e atributos (ao estilo monacal), e determinaram direitos e deveres dentro do corpo eclesial. Assim, a subordinação que vai se criando dentro da Igreja com a distinção entre “leigos” e “clérigos” culminará em fortes oposições pelos Reformadores do séc. XVI, que por sua vez, serão bastante combatidos em Trento com respostas na linha de uma “sacerdotização” do ministério eclesial (SNELA, 1993, p. 619-621).

---

<sup>4</sup> Passagens como Tt 1,5-9 falam de “anciãos”, cuja função não era distinta da do episcopo em Tt 1,7 e em 1 Tm 3,1-7.

“Padre”, “presbítero”, “cura de almas”, seja qual for o termo empregado<sup>5</sup>, a referência e o fundamento do exercício de um verdadeiro ministério ordenado, conforme a própria Sagrada Escritura (em especial, o NT) e a Tradição da Igreja, se encontram, tão somente, em Jesus Cristo e sua práxis, a qual unia pregação e presentificação do Reino (TABORDA, 2011, p. 37). Por isso, é importante se ter a devida clareza a respeito da identidade desse sujeito vocacionado que exerce um ministério de grande responsabilidade na Igreja, povo de Deus.

Embora se saiba que na Nova Aliança, os cristãos assumiram, em nome de uma inculturação, certos termos como “sacerdote”, “sacrifício”, o emprego deles na atual conjuntura da sociedade pós-moderna ocidental (marcada pela ciência, a técnica e a industrialização) já não seriam apurados o suficiente para expressar a ação salvadora do Cristo pelas pessoas<sup>6</sup>. Ele que quis continuar sua obra naqueles que Ele chamou como discípulos (Mt 10, 40).

É nessa linha que o Concílio Vaticano II teve uma árdua tarefa de no último século resgatar, em chave ministerial, o específico dos presbíteros enquanto pastores e servidores do povo de Deus. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, após resgatar a expressiva identidade da Igreja como novo povo de Deus (LG 9-17), há aportes com respeito à constituição hierárquica da Igreja. O proêmio deste capítulo terceiro estabelece o parâmetro do que posteriormente é apresentado sobre o específico da missão dos presbíteros:

Cristo nosso Senhor, com o fim de apascentar o povo de Deus e aumentá-lo sempre mais, instituiu na sua Igreja vários ministérios que se destinam ao bem de todo o corpo. Na verdade, os ministros que são revestidos de poder sagrado, estão a serviço dos seus irmãos, para que todos os que pertencem ao povo de Deus e gozam, portanto, da verdadeira dignidade cristã, todos juntos, tendam livre e ordenadamente para o mesmo fim e cheguem à salvação (LG 18).

---

<sup>5</sup> Com exceção de “sacerdote”, que naturalmente se mostra inadequado à perspectiva do NT, por carregar uma condição veterotestamentária de separação entre o santo e o profano (TIHON, 2021).

<sup>6</sup> Considerando a lógica pastoral do Papa Francisco, pensar hoje a atributo “sacerdotal” aos ministros ordenados é, fundamentalmente, saber adequá-lo às necessidades reais (morais, espirituais, sociais) do povo cristão, ao invés de um apego excessivo aos símbolos distintivos que marcam o seu surgimento e consolidação.

O verbo “apascentar” remete logo à relação pastor/ovelha, imagem que é muito cara no universo bíblico. O popular Salmo 22(23) outorga a Deus o título de “Pastor”, pois Ele, enquanto rei e guarda de Israel, é aquele que cuida de seu povo com especial carinho. O profeta Ezequiel faz o feliz anúncio do compromisso de Javé que abomina as atitudes dos maus pastores (34,2-6.9-10), e se compromete, Ele mesmo, em tanger o rebanho (v. 11-16), suscitando, inclusive, alguém digno (Davi) de ser sinal desse Seu cuidado (v. 23-31). Na plenitude dos tempos é na pessoa do Seu Filho que o Senhor mostrará com supremacia o Seu infinito amor.

No evangelho de João, o Divino Mestre outorga para Si, com a devida justiça, o título de “Bom Pastor” (Jo 10,11.14). Todo o capítulo 10 do quarto evangelho expressa a autoridade de Jesus caracterizada pela doação de Si (v. 11.15.18) e pelo desejo de atrair todos ao Pai, sem distinção (v. 16). Jesus é o enviado do Deus que é Pai, cuja paternidade revelada por Ele, o Filho, não é meramente passiva, e sim ativa, no sentido de que não se limita a um modelo comportamental tribal, segundo o qual a autoridade da casa é servida, mas, pelo contrário, serve, movido por amor (GOSHEN-GOTTSTEIN, 2001, p. 14-16). É a partir dessa inversão que se entende, por exemplo, a lógica do pastor que deixa as noventa e nove ovelhas em busca de uma que se extraviou (Lc 15,4-7), ou a lógica do Pai Misericordioso que corre em direção ao filho tido como morto (Lc 15,20). Ambos os casos mostram que esse sentido de autoridade/testemunho do “Cristo cabeça” (PO 3), da qual estão munidos os ministros ordenados (padres = “pais”) em sua missão, é muito superior ao ordenamento jurídico associado ao caráter indelével do sacramento da Ordem<sup>7</sup>.

Nessa perspectiva, destaca-se ainda outra palavra importante neste número 18 da LG: “serviço”. Paulo é feliz ao recordar os anciãos de Éfeso sobre

---

<sup>7</sup> Na *Pastores Dabo Vobis*, o papa João Paulo II reúne esses aspectos importantes da vocação presbiteral dentro da Teologia conciliar, chamando a atenção para o caráter permanente da ação divina de “suscitar pastores segundo o Seu coração” (Jr 3,15). Nesta exortação pós-sinodal, o romano pontífice recorda a responsabilidade dos presbíteros, enquanto representação sacramental de “Cristo Cabeça e Pastor” (PDV, 15), de serem os dispensadores dos mistérios de Deus e presença de Cristo em cada tempo e lugar. Ainda que Deus chame “sacerdotes” a partir de determinados contextos humanos e eclesiais, a fisionomia dos mesmos deve sempre assemelhar-se a Cristo, único e sumo Pastor (PDV, 5).

o papel deles de pastores da Igreja: serem guardiães daqueles que Deus adquiriu pelo sacrifício e doação do Filho (At 20, 28). Olhando para a preocupação de Jesus com os pequenos (Mt 9,36), seus gestos de compaixão e misericórdia — e principalmente suas duras críticas às autoridades judaicas (Mt 23,1-32) — são um imperativo para a superação de certos estilos de vida e privilégios que a condição de clérigo acaba outorgando àqueles que são chamados a essa vocação tão importante. Compete aos padres, ao *modus vivendi* de Jesus de Nazaré, vivenciar a dinâmica do ministério da reconciliação (Jo 20, 21-23), testemunhar um novo modo de ser sociedade (Mc 10,41-45) e tornar conhecido ao mundo a Boa Nova do Evangelho (Mc 1,15), cumprindo, assim, o que a teologia conciliar ensina sobre a missão do ministro ordenado dentro da comunhão eclesial (LG 28).

À luz desse resgate da imagem de um Deus que é Pastor e Servo fica mais evidente que o perfil “servidor ordenado”, almejado e testemunhado pelo Papa Francisco, se apresenta como o mais adequado à natureza do ser padre, tendo em vista não só os fundamentos aqui elencados, mas as tantas reformas nas quais o romano pontífice tem se dedicado com tanto empenho para vencer o mal do clericalismo. Uma “Igreja pobre e para os pobres”, conforme o desejo de Francisco elucidado no seu discurso de posse, só é possível na ótica do pastoreio e do serviço, características que são próprias da práxis de Jesus, e capazes de desabsolutizar qualquer ordem cósmico-político-religiosa (TABORDA, 2011, p. 37).

### **3. O perfil de padre “cheiro de ovelha” para o Papa Francisco**

Eleito com mais de dois terços dos votos, em 13 de março de 2013, Jorge Mario Bergoglio tornou-se o primeiro Papa latino-americano, escolhendo para si o nome de Francisco, nome que encapsula seu programa enquanto papa. Eram os primeiros dias de um pontificado atípico, marcado pela simplicidade, humildade e o profetismo de um pastor com “cheiro de ovelha”.

Francisco encontrou inúmeros desafios desde o início do seu pontificado, tanto *intra* como *extra* eclesiais. Havia questões relacionadas ao governo central da Igreja, uma onda de escândalos relacionados a abusos

sexuais de menores pelo clero, sem contar a preocupante crise de fé que caracterizou o declínio visível de católicos na Europa e América Latina (PREVILLE, 2019). Problemas que o testemunho do pontífice, mais ainda do que suas palavras, foi decisivo para a implementação das diversas reformas em curso na Igreja, sobretudo da cúpula, na perspectiva conciliar de sinodalidade e um “retorno às fontes”.

Homem de hábitos simples, palavras diretas, sempre próximo do povo e acolhedor, foi assim que Francisco colocou “em xeque”, desde o primeiro momento, alguns perfis de vivência da vocação sacerdotal, interpelando a busca por uma vida coerente com a vocação assumida e sensível às dificuldades do povo. Segundo Fares (2015, p. 4), as reflexões do Capítulo III da *Lumen Gentium* são páginas de grande importância para o pontífice, “em particular as palavras sobre a função pastoral do Bispo, que deve ter sempre ‘diante dos seus olhos o exemplo do Bom Pastor, que veio não para ser servido, mas para servir (cf. Mt 20,28; Mc 10,45) e dar a vida pelas ovelhas (cf. Jo 10,11) [...]’”. Afinal, é assim que Francisco deseja viver e anseia que os seus irmãos no presbitério também vivam, em todas as comunidades pelo mundo.

A vocação dos presbíteros e seu *modus vivendi* foi o tema chave das reflexões do Papa ao presidir pela primeira vez a Missa Crismal como Bispo de Roma, em 28 de março de 2013 recordando aspectos importantes na linha do que já propunham documento como a *Optatam totius* e *Pastores dabo vobis*. Em sua homilia, Francisco não economizou palavras para salientar a maravilha da vocação presbiteral, bem como a necessidade de os sacerdotes serem exemplos para todo o povo, em outras palavras, a necessidade de padres que tenham “cheiro de ovelha”, expressão cunhada pelo próprio pontífice, que ficou conhecida mundialmente (FRANCISCO, 2013a).

No início de sua pregação, nesta cerimônia, Francisco destacou a beleza e a importância da unção dos sacerdotes, que os torna consagrados para uma missão exigente. Segundo ele, o “óleo derramado, que escorre pela barba de Aarão, até a orla de suas vestes, [fazendo referência ao Salmo 133] é a imagem da unção sacerdotal [...]”. Todavia, enfatizou que “a unção recebida se destina ao povo fiel a Deus, de quem são servidores; a [...] unção é para os pobres, os presos, os oprimidos...” (FRANCISCO, 2013a).

Para Francisco “o bom sacerdote reconhece-se pelo modo como é ungido seu povo”, ou seja, quando o Evangelho que os sacerdotes pregam chega ao dia a dia das pessoas, “quando escorre como óleo de Aarão até as bordas da realidade, quando iluminam as situações extremas, as periferias onde o povo fiel está mais exposto à invasão daqueles que querem saquear a vossa fé” (FRANCISCO, 2013a). O contrário disso, ou seja, padres que vivem de um curso a outro, padres de aeroporto, que se eximem das suas responsabilidades, de terem “cheiro de ovelha”, terminam, por sua vez, segundo o Pontífice, acometidos pela tristeza, pois permanece inativa a parte mais profunda de sua vocação sacerdotal. Nesse sentido, diz Francisco:

O sacerdote que sai pouco de si mesmo, que unge pouco [...], perde o melhor de nosso povo, aquilo que é capaz de ativar a parte mais profunda do seu coração presbiteral. [...] acabam por viver tristes, padres tristes, e transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades ou então de novidades, em vez de seres pastores com ‘cheiro de ovelhas’. Isto vo-lo peço: sede pastores com o ‘cheiro das ovelhas’” (FRANCISCO, 2013a).

Com essa expressão paradigmática, padres com o “cheiro das ovelhas”, o Papa recupera uma importante imagem bíblica, tanto veterotestamentária como neotestamentária, ressaltada por Jesus no Evangelho segundo João, isto, é a figura do Bom Pastor. Como visto anteriormente, trata-se daquele que conduz o seu rebanho, conhece as suas ovelhas e elas conhecem a sua voz e o seguem, porque é o seu pastor (Jo 10, 1-21). Além disso, ele é capaz de dar a vida pelas suas ovelhas e deixar as noventa e nove a ir atrás daquela perdida, pois seu coração é misericordioso. Assim, Francisco recupera a importância de compreender o ministério sacerdotal como configuração plena a Jesus Cristo Cabeça e Pastor sobremaneira na caridade pastoral (PDV, 45-47).

Para o Pontífice este é o perfil de sacerdote no qual ele acredita, procura viver e incita seus irmãos a fazer o mesmo: sacerdotes que saibam estar no meio do seu povo, falar ao coração dos fiéis e caminhar com o Povo de Deus: “caminhar à frente, indicando o rumo, apontando a vereda; caminhar no meio, para o fortalecer na unidade; caminhar atrás, tanto para que ninguém permaneça atrás, como sobretudo para seguir a intuição que o povo de Deus tem para encontrar novas sendas” (FRANCISCO, 2013b).

Essas palavras de Francisco sobre a vivência sacerdotal, além de seguir na esteira de seus predecessores (como Paulo VI e João XXIII) seguem presentes ao longo de seu pontificado em outros pronunciamentos, exortações e cartas apostólicas. Francisco espera dos sacerdotes pastores que suas homilias sejam bem-preparadas e alcancem o coração das pessoas, fazendo-o arder, pois por meio da sua pregação se pode medir a proximidade do pregador com a sua comunidade (EG, 135.136.142). Que no meio das comunidades os pastores não só promovam a vocação matrimonial, mas saibam discernir, acompanhar e integrar a fragilidades de muitos que deixaram de viver essa realidade. Acompanhar e discernir conjuntamente, segundo o Papa, é um dever dos sacerdotes (AL, 293.300). Ademais, convém que não torne o confessionário uma câmara de tortura, mas lugar da manifestação da misericórdia do Senhor (EG, 44) a qual todos são convidados a experimentar; convém que vivam a sinodalidade em suas paróquias, caracterizada pela escuta e abertura a ação do Espírito, que age onde e como quer.

Segundo Fares (2018), o que o pontífice pede é que os sacerdotes sejam capazes de “oferecer os ombros”, como o Cirineu, tanto para Jesus, como para a Igreja, para o povo, para aqueles que se quer bem e, sobretudo, aos que mais precisam. “Oferecer os ombros”, diz Francisco (FARES, 2018, p. 12). Uma atitude que, aos olhos do Papa, é o termômetro para saber como está o coração de pastor dos sacerdotes, pois manifesta a sensibilidade diante da dor daqueles que sofrem, é a capacidade de abeirar-se da carne do irmão. Trata-se de um,

Reflexo do coração do pastor que aprendeu o gosto espiritual de se sentir um só com seu povo, que não se esquece que saiu dele e que, só no seu serviço, encontrará e poderá desenvolver a sua identidade mais pura e plena, que lhe faz cultivar um estilo de vida austero e simples, sem aceitar privilégios que não têm o sabor do Evangelho [...] (FRANCISCO, 2019).

Com essas palavras pode parecer que Francisco não se atém às fragilidades dos sacerdotes e às exigências e sobrecargas que muitas vezes lhes pesam e dificultam viver no meio de suas ovelhas. Contudo, a realidade é bem outra. Para o Papa, é verídica a crise de identidade sacerdotal que pode afetar a todos, sem exceção, a tentação de fugir para um lugar seguro, que pode ter muitos nomes: individualismo, espiritualismo etc. (FRANCISCO, 2019).

Contudo, segundo Francisco, pode-se dizer que reconhecer a pequenez e as próprias fragilidades é o primeiro passo para viver bem a vocação sacerdotal, pois isso faz com que o sacerdote nunca se esqueça de que é um ser humano, e que vocação é chamado, escolha divina e graça recebida para servir.

Ciente, portanto, das dificuldades inerentes à vida sacerdotal, Francisco recomenda cinco atitudes que jamais devem ser esquecidas pelos sacerdotes, a fim de mantê-los firmes na caminhada. Em suas palavras trata-se de não deixar a oração (isto é, uma formação espiritual mais cuidada, como já aludia OT, 8); de ser assistido por Maria e guardá-la como Mãe; o zelo pela sua missão; a proximidade e a disponibilidade às pessoas; bem como o senso de humor, tornando-se capaz de rir de si mesmo nas situações da vida (FARES, 2018, p. 7).

Com base nessas palavras, bem como no seu testemunho de solicitude aos sacerdotes e a todo o povo de Deus, Francisco manifesta a necessidade de trazer novamente para o centro da vida de fé a Boa Nova do Evangelho, com todas as exigências que ele comporta, sobremaneira àqueles chamados a vocação sacerdotal (como já salientava PDV, 72). Assim, o Pontífice denuncia profeticamente as tendências mundanas que aos poucos tendem a propor outros perfis aos sacerdotes, minando a radicalidade da mensagem evangélica, o que faz adoecer tanto pastores como fiéis. Isso impede que os presbíteros sejam verdadeiros pastores com “cheiro de ovelha” e o povo de Deus beba da única e verdadeira fonte de vida em abundância que é o Evangelho, percorrendo um caminho de humanização e serviço.

## Conclusão

O tema do ministério ordenado na Igreja, tanto do ponto de vista teológico quanto histórico, traz em seu desdobramento certa dificuldade de análise, pois, dependendo da fonte de inspiração, emerge uma interpretação peculiar, com suas próprias ressonâncias. Além disso, por se tratar de uma construção constante do sujeito, um perfil de padre está condicionado aos muitos desafios postos à evangelização, ainda que as suas fontes teológicas guardem aquelas características identitárias as quais não se possam renunciar. Por essas razões, priorizou-se nessa reflexão analisar inicialmente o contexto atual de mundo e de Igreja e deste associar as suas influências no perfil de



padre atual. Posteriormente, refletiu-se acerca das variadas imagens de presbítero encontradas nos textos das Sagradas Escrituras e na tradição eclesial. Enfim, foi apresentado em linhas gerais a imagem de um perfil de padre a propósito do magistério pontifício do Papa Francisco.

Ao longo deste percurso observou-se que atualmente diversas questões socioculturais que caracterizam a pós-modernidade tem influenciado diretamente no desenvolvimento da subjetividade do sujeito hodierno, e, conseqüentemente, na configuração de diferentes perfis dos novos padres, tais como a promoção do narcisismo, da exposição acentuada por meio dos novos mecanismos tecnológicos. Junta-se a isso diversas questões subjetivas relacionadas ao desenvolvimento afetivo-sexual muitas vezes problemático. Desse modo, mais do que influenciar a sociedade, afirmando-se de modo coerente com à missão assumida, muitos sacerdotes terminam influenciados pelo que prega a sociedade.

Dá a necessidade de um resgate histórico do significado bíblico e teológico da figura e missão do presbítero que perpassa a história. Como ficou evidente, ao longo dos séculos, de acordo com cada contexto, os significados sofreram modificações ao passo que a própria Igreja se estruturava hierarquicamente. Todavia, por vezes, essas modificações obscureceram e criaram um verdadeiro fosso entre o mandato de Jesus, para viver e servir tal como ele, e a verdadeira práxis dos presbíteros. Sem contar as dificuldades que enfrentaram com a ascensão da modernidade e a crise religiosa que questionou ainda mais a incidência do discurso religioso na sociedade. Sensíveis a essas dificuldades, o Concílio Vaticano II foi muito feliz em convocar um retorno às fontes bíblicas a fim de proporcionar uma atualização na compreensão da missão da Igreja no mundo hodierno e igualmente dos sacerdotes, à luz dos textos bíblicos.

Acerca do perfil dos novos padres à luz do Papa Francisco, pretendeu-se compreender que em sua visão de serviço eclesial está presente o sentido que o Concílio Vaticano II ofereceu ao mundo. Este inaugurou uma nova etapa na conscientização do caráter mundial da Igreja e de sua relação com a cultura e com os diversos setores da sociedade. O Papa tem consciência de que a tentação pós-moderna do narcisismo e da autorreferencialidade ministerial se articula com uma tendência clericalista acentuada no atual contexto eclesial. É

destas duas orientações que se manifesta o exótico e o excêntrico, sintomas de uma carência formativa e dos condicionamentos sócio-históricos.

É diante desse duplo movimento complexo e influente que um novo perfil de padre necessita ser resgatado e cultivado recolocando-se em serviço do Evangelho e do Povo de Deus, ou seja, vivendo o perfil do padre com “cheiro de ovelha”. Em outras palavras, do padre que sabe ungir seu povo com o óleo que ele mesmo foi ungido, por meio de uma proclamação da Palavra que toca o coração e a vida de seu rebanho, bem como de um acompanhamento, proximidade e escuta que manifesta a misericórdia divina e fortalece na caminhada do discipulado cristão.

## Referências

ALMEIDA, A. L. B. Exibicionismo narcisista e autorreferencialidade. O risco pecaminoso da idolatria de si mesmo. In: TRASFERETTI, J. A. MILLEN, M. I. C.; ZACHARIAS, R. *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 263-284.

BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal*. Natureza e poderes do Sacerdócio segundo o Magistério da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1976.

BLANK, J.; SNELA, B. Padre/bispo. In: EICHER, P. (org.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 610-625.

CATTANEO, E. *O sacramento da ordem*. São Paulo: Loyola, 2008.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja; Decreto Presbyterorum Ordines sobre o ministério e a vida dos presbíteros. Decreto Optatum totius sobre a formação presbiteral*. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

FARES, D. *Dieci cose che papa Francisco propone ai sacerdoti*. Lisboa: Ancora, 2018.

FARES, D. *Il profumo del pastore*. Lisboa: Ancora, 2015.

FRANCISCO. *Discurso a um grupo de novos prelados participantes de um curso organizado pela congregação para os bispos e a congregação para as Igrejas orientais*, 19 de setembro de 2013a. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130919\\_convegno-nuovi-vescovi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130919_convegno-nuovi-vescovi.html). Acesso em: 12 jul. 2021.

FRANCISCO. *Homilia da Missa Crismal*, 28 de março de 2013b. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html). Acesso em: 12 jul. 2021.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO. Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na Família. São Paulo: Paulus, 2017.

FRANCISCO. Carta aos presbíteros por ocasião dos cento e sessenta anos da morte de Cura d'Ars, 4 de agosto de 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco\\_20190804\\_lettera-presbiteri.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190804_lettera-presbiteri.html). Acesso em :12 jul. 2021.

FRANCISCO. Carta encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade universal. Assis, 3 de outubro de 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 12 jul. 2021.

GOSHEN-GOTTSTEIN, A. Deus o Pai no judaísmo rabínico e na cristandade: fundo transformado ou fundo comum? *Journal of Ecumenical Studies*, v. 38, n. 4, p. 35, 2001. (Trad. Pedro Von Werden). Disponível em: <http://docplayer.com.br/63509427-Deus-o-pai-no-judaismo-rabinico-e-na-cristandade-fundo-transformado-ou-fundo-comum.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GUARINELLI, S. *Il prete immaturo*. Un itinerario spirituale. Bologna: Edizione Dehoniane, 2013.

HAN, B.-C. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*: sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992.

LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, J. L. M. *Viver os Votos em Tempos de Pós-Modernidade*. Desafio para a Vida Consagrada. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PREVILLE, J. R. Como o Papa Francisco foi escolhido para liderar a Igreja Católica. Entrevista com Gerard O'Connell. Revista *IHU* on-line, 3 de maio de 2019. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588816-como-o-papa-francisco-foi-escolhido-para-liderar-a-igreja-catolica-entrevista-com-gerard-o-connell>. Acesso em: 11 jul. 2021.

SOVERNIGO, G. *Le dinamiche personali nel discernimento spirituale*. Elementi di psicologia della pastorale. Padova: Messaggero di Sant'Antonio, 2010.

TABORDA, F. *A Igreja e seus ministros*. Uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Teologia sistemática).

TIHON, P. E se parássemos de falar sobre "sacerdócio"? In: *IHU – Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 19 jul. 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/611199-e-se-parassemos-de-falar-sobre-sacerdocio>. Acesso em: 16 ago. 2021.

VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

VANHOYE, A. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã/ Loyola, 2007.

VIDAL, M. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008.

RECEBIDO: 20/09/2021  
APROVADO: 29/11/2021

RECEIVED: 09/20/2021  
APPROVED: 11/29/2021